

*consequente*, expressos e differentes, que tanto podem ser *pessoa* como *coisa*. Elle evoca a idéa do genitivo latino, e é conversível analyticamente em — *de que, de quem, do qual, dos quaes, das quaes*. A sua concordança se opera com o seu *consequente*. Exs.:

E tu nobre Lisboa, que no mundo  
Facilmente das outras és princeza,  
Que edificada foste do facundo  
Por cujo engano foi Dardania accessa (Luz. 3. 57)

Entrando a boca já do Tejo ameno,  
Co'o arraial do grande Affonso unidos  
Cujá alta fama então subia aos céos,  
Foi posto cêrco aos muros Ulysses (Luz. 3. 58)

Na dura Moçambique em fim surgimos,  
De cuja falsidade e má vileza  
Já serás sabedor... (Luz. 5. 84)

598. ORIGEM DE *CUJO*. Opinam alguns que o etymo deste adjectivo relativo devemos buscá-lo, não no genitivo *cujus* de *qui, quæ, quod*, mas no adjectivo cognato — *cujus, cuja, cujum*, que emprega Cicero no seguinte trecho:

Ut optimam conditione sit is cuja res sit, cujum periculum (Verr. 2, l. 54) = Esteja nas melhores condições aquelle cuja é a causa, cujo é o risco.

O que torna possível esta origem é apparecer o mesmo adjectivo latino nas comedias de Plauto, denunciando este facto que tal vocabulo fazia parte do lexico popular (que, alias, é realmente a fonte historica de nosso vocabulario), como se vê no seguinte exemplo citado por A. Pimentel:

Is Helenam abduxit, cuja causa nunca facio absidio Ilio Baech. 4. 9. 24) — Argentum pro istisce ambabus, cujoe erant domino dedi. (Id.)

599. EMPREGO DE *CUJO*. Fundamentando-se nesta origem, opina o sr. Adriano Pimentel que *cujo* deve restringir o seu emprego á idéa de posse. Assim, pois, na phrase latina: *Magnus Dominus, cujus timor initium est sapientiæ*, aquelle *cujus* não corresponde ao nosso *cujo*, e erro seria, segundo o abalisado latinista acima citado, traduzir-se — *O senhor altissimo, cujo temor é o principio da sabedoria*,

pois o Senhor não *possue* o temor, não é o *sujeito* de temor, mas o *objecto*.

Neste caso o emprego correcto de *cujo* deve preencher trez condições:

1.<sup>a</sup> Importa que o *antecedente* e o *consequente* sejam diversos (*o homem, cujo character...*).

2.<sup>a</sup> E' necessario que *cujo* seja conversivel em *do qual, da qual, dos quaes e das quaes* (*o homem o character do qual...*).

3.<sup>a</sup> Importa igualmente que o antecedente seja o *possuidor* e o consequente a *cousa possuida*; assim em *homem cujo character*, está correcto o emprego, porque o antecedente *homem* é o possuidor e o consequente *character* é a coisa possuida; porém, já não se dá o mesmo em *o cholera cujo temor...*, pois que *cholera* não é possuidor ou sujeito de *temor*, mas a causa ou objecto de *temor*.

Entretanto, o uso classico e corrente da lingua não auctoriza esta 3.<sup>a</sup> condição, mas sanciona as duas primeiras.

*Cujo* é syntacticamente um genitivo, e, como o genitivo latino, pôde elle ser *subjectivo*, em que ao *antecedente* se liga a idéa de posse, é o *possuidor*; e pôde tambem ser *objectivo*, em que o *antecedente* repelle a idéa de posse, e se apresenta como a causa ou *objecto* de facto expresso pelo consequente (*remedium doloris* = o remedio da dor, a dor cujo remedio..., *amor virtutis* = o amor da virtude, a virtude cujo amor nos leva a lanços de heroismo).

O que repugna, porém, no uso do genitivo objectivo em certas phrases, é a natural confusão, que já em latim, se dava, entre o *genitivo subjectivo* e o *genitivo objectivo*, confusão que convem obviar, nos casos particulares, sem comtudo proscrever da lingua o emprego do genitivo objectivo em relação ao *cujo*. Aparece sempre a ambiguidade de sentido, proveniente da confusão entre os dois *genitivos*, toda vez que o *consequente* for um termo de significação relativa e o antecedente puder ser razoavelmente *objecto* ou *sujeito* da significação desse termo, p. ex.: se dissermos — *o homem, cujo temor...*, ha ambiguidade de sen-

tido, pois o *homem* pôde ser o *objecto* ou o *sujeito* do *temor*, pôde ser a *causa* ou o *possuidor* do *temor*; a ambiguidade persiste, ainda que convertamos *cujo* em *do qual* — o *homem*, o *temor do qual*, ou *do qual o temor*; se, porém, dissermos *o cholera, cujo temor...*, não ha *ambiguidade*: *cholera*, não pôde ser razoavelmente o possuidor, só pôde ser o *objecto* de *temor*; o genitivo, no caso vertente, ha de ser forçosamente o genitivo *objectivo*.

Não ha, pois, erro em se empregar *cujo* como genitivo *objectivo*, desde que não haja perigo de confundi-lo com genitivo *subjectivo*. Esta é a theoria que resalta do uso classico e dos modernos escriptores abalisados. Exs.:

Ouvia ao longe uns brados de feras  
espantoso, cujo medo me arripiava toda

A. F. Castro 44

Oh ! quanto leneceo naquelle dia,  
Cuja triste lembrança arde em meu peito :  
Pois se a Fortuna o fez descontentar-me  
Aquelle gosto em cujo sentimento  
A memoria não fez senão matar-me (C. Obs. 2. 90).

Eis aqui se descobre a nobre Hespanha,  
Como cabeça alli da Europa toda ;  
Em cujo senhorio, e gloria estranha  
Muitas voltas tem dado a fatal roda (Lus. 3. 17)

Desta o pastor nasceo, que no seu nome  
Se vê, que de homem forte os feitos teve ;  
Cuja fama ninguam virá que dome,  
Pois a grande de Roma não se atreve (Lus. 3. 22).

De repente desapareceu... sustentando outros que fôra chorar longe da terra natal a mulher, cujo amor valia para elle mais do que a luz e a vida (R. da S., Od. 1. 185) — Uma maravilha daquella noite cuja narração parece procedera da propria tenda do Principe (A. C., Hist. II. 40).

No polo extremo ao occupado pelo snr. Adriano Pimentel collocam-se Filinto Elysio e outros, que dispensam, para o uso correcto de *cujo*, não só a 3.<sup>a</sup> condição, mas as duas outras, dando a *cujo* o duplo valor de *do qual* e *o qual (que)*; é assim que escreve Filinto:

Tracta da batalha contra Philippe *uja* (a qual) nós perdemos — Fez me o mais lisonjeiro cumprimento, *a cujo* respondi friamente (ap. Serões, 678) — Ah! tendes esse famoso Carlos, *de cujo* nos remetteram os signaes. (Ib.)

Tal emprego, porém, não se justifica nem perante a etymologia, nem perante o uso dos bons escriptores, se bem que o encontremos esporadicamente em nosso velhos escriptores:

...hua pedra, que aa de longe parecyá gallee, por cuja razom (pela qual razão) d'alli adyante chamaram aquelle porto o de gal'ee (Azurara, ap. Dicc. Vieira) — Muito poderoso senhor, o cavalheiro da fortuna, cujo eu sam (o qual sou eu), beija vossas reaes mãos (Palm. 225).

Tal emprego nota-se ainda no povo inculto, em phrases como estas: *Devo uma quantia cuja pagarei, é meu conhecido o homem cujo eu vi.*

600. O emprego de *cujo* era muito mais amplo no v. port. do que o é hoje, se bem que A. Herculano, A. Castilho e outros escriptores conceituados se tenham esforçado por lançar na corrente moderna da linguagem literaria certos usos já obliterados desse adj. relativo. Vejamos alguns delles.

1.º Era commum na lingua antiga o emprego de *cujo* com o valor pronominal de — *de quem*, sem *consequente* expresso. Exs.:

Elle disse que vindo em companhia de hua donzella cujo era, tres cavalleiros a tomaram per força (Palm. I. 148) — Tive que nada fazia em emprehender esta jornada por serviço e mandado da formosa Arindelia cujo sou (=de quem sou) (T. Redonda, 35) — E pondo sua força teve maneira de lhe dar com a ponta da espada pella garganta que lhe fez render o infernal espirito, a cujo era per suas obras (Ib. 225) — Dar o seu a cujo é. (H. P., I. 157).

Nem o meu (coraçom), dixi-lh'eu, já,  
Senhor, nom se parará  
de vós, por cujo s'el tem  
(por de quem se tem elle) (T. Arch., D. Diniz)

Ca voss'amor me forçou  
Assy, que por vosso m'ey,  
Cujo sempre eu já serey (T. Port. 136)

A dama cujo naci  
O mo: prazer que sente  
He dizer-me mal de mi (G. V. Ohrs. 2. 501)

Ireis ao porto de Guiné;  
Perguntae-lhe cujo he,  
Que o não pôde negar (G. V. Ohrs. 3. 61)

O' Alma bem aconselhada,  
Que dais o seu cujo he ;  
O da terra á terra :  
Agora ireis despejada  
Pela estrada  
Porque venceste com fé  
Forte guerra (Id. ib., I. 209).

2.º Era igualmente frequente o emprego de *cujo* sem antecedente expresso, modificando de ordinario o predicado nominal:

E perguntou-lhe cuja filha era (Chrest. Arch. 82) — Depois que soubessem cuja aquella povoação era, então responderia (Dec. I, 293) — Logo quis saber cujo era aquelle assento (Palm. I. 5) — A hu tempo cayram no chão... sem a victoria daquella differença (lucta) se conhecer cuja fosse (Palm. I. 100) — ...franqueasse á Santa Fé cujo era patrono as ferrenhas portas daquella barbarie (A. C., Q. Hist. II. 40) — Os frades beneditinos, cujo era o couto da Foz, pagaram as restantes despezas (C. C. B., Mosaico 13) — Bem sabe o asno, em cuja casa rosna (Prov.) — Bem sabe o gato, cujas barbas lambe (Prov.) — O sangue que ha de correr será dos vassallos e dos peões, cujo principe sois (A.H., Bobo, 215) — Sendo a memoria rapida como o pensamento, cuja ella se faz traductora (A. C. ap. Serões, 777) — O auctor cuja se diz uma obra (Ib.).

3.º Mui frequente era tambem o emprego interrogativo de *cujo*. Exs.:

Dize : Cujos filho és? (C. Obs. 3. 11) — Cujas é esta caveira? (A. V., Serm.) — E cujo é esse nome? — insistiu com voz firme o Lidador (A. H., Bobo, 185) — Cujas serão estas tyrannias? (Ib., ap. Serões, 677).

## POSSESSIVO

601. Os ADJECTIVOS POSSESSIVOS — *meu, teu, seu, nosso, vosso*, prendem-se morphologica e syntheticamente aos pronomes obliquos — *me* (a mim), *te* (à ti), *se* (a elle, a si), *nos* (a nós), *vos* (a vós).

Em virtude desta relação, o possessivo *meu* corresponde na phrase ao pronome da 1.ª pess. sing. *eu*; *teu* ao da 2.ª pess. sing. *tu*; *seu* ao da 3.ª pess. sing. e plur. *elle* ou *elles*; *nosso* ao da 1.ª pess. plur. *nós*; *vosso* ao da 2.ª pess. plur. *vós*. Assim sendo, diremos: *Tracta de tua saude, de sua saude, de nossa saude, da vossa saude*, conforme a *pessoa e o numero do possuidor*.

602. A idéa de *posse*, reclamada pelo adjectivo possessivo, exige, pois, dois termos correlativos: o *possuidor* e a *coisa possuída*. Por isso, tem o possessivo, na phrase, dupla referencia syntactica, que resalta de seus mesmos elementos morphologico: refere-se ao possuidor pelo *thema*, e a coisa possuída pela *flexão*. O *thema*, ou, melhor, a consoante radical indica a pessoa e o numero do *possuidor*, e a *flexão* (*generica e numerica*), o genero e o numero da *coisa possuída*, p. ex.:

meu	livro	e meu	livros-que	pertencem	a mim
teu	"	e teus	"	"	a ti
seu	"	e seus	"	"	a elle ou ella
nosso	"	e nossos	"	"	a elles ou ellas
vosso	"	e vossos	"	"	a nós
seu	"	e seus	"	"	a vós
					a elle ou ella
					a elles ou ellas

Do exposto se collige que fallece á lingua, no possessivo da 3.<sup>a</sup> pess. (*seu*), o meio de indicar pela consoante radical o numero grammatical do *possuidor*, pois *se* donde se deriva, é de ambos os numeros. Dahi para a clareza, grave inconveniente, que não raro surge na phrase: *seu pae* póde ser — *pae delle* ou *delles*, bem como *della* ou *dellas*. Para indicar a referencia e clarear o sentido a lingua archaica servia-se de dois expedientes pleonasticos: ou repetia o nome do possuidor (*seu pae de Pedro*), ou o pron. da 3.<sup>a</sup> pess. regido da prepos. *de* (*seu pae delle, delles, della* ou *dellas*). Exs.:

Dom Alcorac, o turco, e o Infante Cazayne, seu filho d'el Rey, encaçaranno e filharono pela redea do cavallo (P. Port 242, B. de Salado) — Assi andaram ferindose... posto que o gigante andava pior; porque a sua ligeireza de Primaliam o defendia (Palm. I. 60) — ...bem certos eran que non demandaria senon todo aguisado e sua honra deles Chrest Arch. 122, A morte do Lid.) — E depois seu padre della filharom-lhe seus gemros a terra (T. Arch. 32, L. de Lear).

Deste ultimo recurso continuou a lingua a lançar mão para obviar confusões ou duvidas em relação ao *possuidor*. Exs.:

O' pois que musica a sua delles? (S. de Miranda, Ohrs. 2, 78) — Antonio Faria se recusou com palavras de grandes cõprimentos ao seu modo delles (F. Mendes Pinto, Peregr.) — ... o seu amigo della (G. Viag. 1.62).

603. O possess. *seu*, oriundo do reflexivo *se*, encerra valor reflexo, que faz recambiar a *posse* para o sujeito da 3.<sup>a</sup> pess., porém esse valor em port. se acha quasi obliterado; dahi a inevitavel ambiguidade toda vez que houver um complemento da 3.<sup>a</sup> pess. a disputar com um sujeito de igual pessoa a idéa de posse, p. ex.: *David matou o gigante com sua espada*, onde se fica em duvida sobre o possuidor da espada. Póde ás vezes a ambiguidade ser desfeita por circumstancias extranhas á contextura grammatical da phrase, como no seguinte passo do P.<sup>o</sup> Antonio Pereira de Figueiredo:

E como David não tivesse espada á mão, correu e se lançou sobre o philisteu, e pegou da *sua* espada, e tirou-a da bainha; e acabou de lhe tirar a vida e lhe cortou a cabeça (I Reis, XXII. 50, 51).

Já o mesmo não occorre com o seguinte trecho do P.<sup>o</sup> Antonio Vieira:

Cortou Judith a cabeça a Holofernes com *sua* propria espada — ...Isto que fez Judith com Holofernes, fez David com o gigante, cortando-lhe com a sua propria espada a cabeça ...David dedica a espada no templo, por que matou o gigante com suas proprias armas (A. V., S. 5. 103).

Apesar do reforço do adj. *proprio* com que esse grande classico procura fugir á ambiguidade, esta persiste para os que ignoram a historia do facto mencionado.

Do lat. herdou o portuguez esta desvantagem. Porém na lingua-mãe, ensina Rieman, é de regra se empregar *suus*, -a, -um, quando o possessivo recambia a posse para o sujeito da oração; *canis in aqua imaginam suam vidit* = um cão viu sua imagem na agua. Sendo o possuidor um outro que não o sujeito, recorre o lat. ao genitivo do demonstrativo — *is, ea, id* (*este, esta, isto*), para indicá-lo: *magister discipulos amat, at vitia eorum odit* = o mestre ama os discipulos, porém odeia os vicios destes (ou delles). Este recurso, bem como o do expediente pleonastico, servem egualmente para o portuguez.

Sobre este ponto observa judiciosamente Diez que o possessivo *suum*, como o pronome *se*, é reflexo em latim, e recambia a posse para o sujeito da oração: *bellis homines ad utilitatem suam utuntur* = os homens empregam os animaes para utilidade sua (delles homens, sujeito). — Quando não ha reflexão, isto é, quando não ha recambio da posse para o sujeito, o latim classico empregava *ejus*: *Cleopatra sibi aspidum admisit, et veneno ejus extincta est* = Cleopatra applicou a si uma aspide, e com o veneno desta morreu.

Não havendo, porém, confusão, *suus* podia tomar o lugar de *ejus*: *Scipio suas res Syracusanis restituit* = Scipião restituiu aos syracusanos seus bens. E' claro que esta suspensão logica do rigor grammatical devia trazer entre *suus* e *ejus* a hesitação que, segundo Diez, remonta aos mais antigos monumentos da baixa latinidade: *habeat casa (casam) cum adjacentia sua, vir autem suus (ejus) in grandem tributacionem erat*.

O portuguez, como suas irmãs, herdou esta hesitação da latinidade, e o possessivo *seu* deixa quasi sempre ambiguo o sentido, quando além do sujeito da oração existe um regimen do verbo da mesma pessoa: *elle levou o menino para sua casa*, onde não se sabe se para a casa d'elle ou para a do menino. Temos, porém, neste como noutros casos semelhantes, a facilidade de lançar mão do expediente de que se servia o latim classico: *elle levou o menino para a casa deste*.

Além disso, o sentido *obvio* vem muitas vezes em soccorro da lingua para indicar logicamente o possuidor, p. ex.: *elle levou o filho a seu pae, o tigre lançou-se á presa e bebeu o seu sangue, o fogo devorou a cidade e seus habitantes*.

604. EMPREGO DO POSSESSIVO. Resta-nos ainda mencionar alguns usos historicos do possessivo.

1.º Era muito usual entre os quinhentistas o emprego da expressão *de seu*, com o valor de — *de si*, emprego que aliaz não é extranho ao fallar hodierno. Exs.:



De seu está entendido (Ulys. 55) — Cheguey aquella porta... que também parecia que já me conhecia, e que se me abria *de seu* (S. de Miranda, Ohrs. 2. 134) — Os trabalhos, sem os chamarem, *de seu* se vem seu pé, que seu nome é (C. Ohrs. 3. 9).

2.º Usual igualmente era o emprego das expressões — *de meu, de seu*, com o valor de pronome possessivo. Exs.:

Nesta yda foy também necessario yr o pobre de mim por me ver sem um só vintem *de meu* (Peregr. 1.139) —

Eu não tenho mais *de meu*,  
Somente ser comprador  
Do Marichal meu senhor,  
E sam escudeiro seu (G. V., Ohrs. 3. 138)

Porque elle não tem *de seu*  
Meu pae deu-me. e fugi (Ib.)

Tres cousas acho que fazem  
Ao doudo ser sandeu  
Hua ter pouco sizo *de seu*,  
A outra, que esse que tem  
Não lhe presta mal nem bem (G. V., Ohrs. 1. 98)

Hua ter pouco siso *de seu*,  
Sendo tantas as batalhas,  
Nem recontros se perdeo!  
Aquelles padres coitados,  
Não tinham tempo *de seu*;  
Louvavam todos cantando  
Louvores ao pay do céo (G. D., Sex. de Frei Antão)

3.º Encontra-se ainda no v. port. a expressão *pelo meu, pelo vosso* no sentido de *por minha e por vossa causa*.

Santa Ursula não converteu  
Tantas cachopas como eu;  
Todas salvas *polo meu*,  
Que nenhuma se perdeo (G. V., Ohrs. 1. 233)

4.º Emprega-se familiarmente, segundo Julio Moreira a expressão elliptica *na sua* com o valor emphatico de — *na sua opinião, na sua idéa, no seu modo de ver*, frequentemente com ironia: *LA entendeu na sua que era* melhor assim (J. Moreira).

5.º Emprega-se ainda o possessivo no feminino plural, (*suas, vossas*) em accepção geralmente pejorativa, concor-

dando com algum substantivo latente adequado (*artes, proezas, etc.*) na phrase — *fazer das suas*. A preposição *de* tem valor partitivo.

Lá ha índias mui fermosas ;  
Lá farieis vós *das vossas*  
E triste de mim cá,  
Encerrada nesta casa,  
Sem consentir que vizinha  
Entrasse por huma brasa,  
Por honestidade minha. (G. V., 3. 41)

6.º Como em latim, adquire o adj. possessivo, em certas phrases, o sentido de *apto. commodo, grato*:

A seu tempo o farei, Judas foi para *seu* logar, achei *minha* vocação, tiveste *tuas* duvidas. Vendo-o, o adoraram, ainda que alguns tiveram *sua* duvida (A. P.) — Em latim: vere suo ducent examina reges (Verg.) = os novos reis sahirão á frente dos enxames, nos primeiros dias da querida primavera (Chassang), Loco aequo, tempore tuo pugnasti (T. Liv.) = pelejaste em logar favoravel, no feu tempo, no tempo opportuno, proprio; suo loco, em seu logar, que lhe convem; suo tempore, em seu tempo conveniente ou opportuno. — O mais que nisto fez, se dirá a *seu tempo* (Palm. I. 254).

7.º Emprega-se ainda o possessivo para indicar numero approximado:

Teria seus quarenta annos, colheu suas duzentas arrobas, expressões equivalente a—uns quarenta annos, umas duzentas arrobas: — Entretanto passaram-se os seus tres annos (A. V., C. 34).

8.º Emprega-se ainda o possessivo, na linguagem familiar, nas seguintes e semelhantes phrases: *seu tractante, seu maroto, seu garoto, seu compadre, seu José* (confusão com *seõ* = *senhor* (cf. *sea comadre, sea Maria*).

9.º A posição dos termos na proposição foi, com o desenvolvimento analytic da lingua, diversificando sentido, e assim o possessivo, posposto ao substantivo, adquiriu matiz especial: a) posposto a certos nomes *concretos* exprime *posse carinhosa*: *filho meu, patria minha, penhores nossos*; b) posposto a certos nomes *abstractos*, tem valor de *genitivo objectivo*, ao passo que *anteposto* tem valor do *genitivo subjectivo*: *saudades minhas e minhas saudades, piedade sua e sua piedade, noticias nossas e nossas noticias*.

*Saudades minhas*, são saudades que se tem de mim; e *minhas saudades* são saudades que eu tenho de outrem.

*Saudades minhas, noticias tuas*, equivalem a *saudades de mim, noticias de ti*, porém o mesmo não acontece com *minhas saudades e tuas noticias*. Em grego os possessivos da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pess. são muitas vezes substituidos pelo genitivo dos pronomes pessoaes. Em latim se diz — *pater noster*, em portuguez — *pae nosso* ou *nosso pae*, porém em grego é corrente — *pater êmôn πατήρ ἡμῶν* literalmente — *pae de nós*. Seria, pois, um *hellenismo* inadmissivel o dizer-se em portuguez — *livro de mim, casa de ti, patria de nós, vida de vós*; dir-se-á: *meu livro, tua casa, nossa patria, vossa vida*. Todavia, tal construcção com o pronome pessoal no genitivo é admissivel na 3.<sup>a</sup> pessoa: *seu livro* ou *livro d'elle*, e com pron. da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> do plur. modificados: — *de nós* — *outros, de vós mesmos, de nós ambos*.

Em se tractando, como vimos, do genitivo *objectivo* e não *subjectivo*, isto é, não propriamente de *posse*, mas de *objecto* a que se dirige a significação relativa de certos substantivos abstractos, como — *saudade, piedade, lembrança, amor, noticia*, emprega-se o pronome obliquo regido da prep. *de* (*de mim, de ti, de nós, de vós*); porém desde que o portuguez admite, como acima mostrámos, o pron. da 3.<sup>a</sup> pess. — *delle*, para exprimir o *genitivo subjectivo*, segue-se que a expressão — *saudades d'elle, saudades do filho*, é ambigua pela confusão dos dois genitivos (*objectivo* e *subjectivo*), pois tanto podem ser *saudades* de que o filho é o *sujeito* (possuidor), como *saudades* de que o filho é o *objecto*.

Em regra, a anteposição do adj. possessivo a certos nomes de significação relativa determina sentido *subjectivo* e a posposição sentido *objectivo* (*sua lembrança e lembrança sua*). Entretanto, ás vezes, temos sentido *objectivo* com a anteposição, p. ex.: *nada dizer a meu respeito*, e, *vice versa*, sentido *subjectivo* com a posposição: *o amor meu é fiel*. Exs.:

Quero esquecer-me de meu odio por amor *de ti* (A. H., O Bobo, 251)  
— O filho ama a seu pae e o servo reverencia a seu senhor : se eu pois sou vosso Pae, onde está a minha honra ? e se eu sou vosso senhor, onde o temor (*meu*) que se me deve ? (A. P., Mal. I. 6) — *Filius honorat patrem,*

et servus dominum suum : si ergo Pater ego sum, ubi est honor meus  
et si Dominus ego sum, ubi est timor meus ?

A estas criancinhas tem respeito,  
Pois o não tens á morte escura della :  
Mova-te a piedade, *sua e minha*,  
Pois te não move a culpa, que não tinha (Lus. 3. 127)

10.º O dativo do pron. pessoal pôde elegantemente substituir o adj. possessivo, quando não se quer insistir sobre a posse; o mesmo phenomeno observa-se em latim: *foi-lhe Sicheu esposo* = *huic conjux Sichæus erat* (Verg.) = *foi Sicheu seu esposo; foi-me elle poderoso auxilio; elle te foi pae* = *elle foi teu pae*. Com o dativo a idéa de posse atenua-se de modo que em certas phrases o sentido differencia-se, p. ex.: *elle me é pae* e *elle é meu pae*, a primeira indica apenas que *elle me serve de pae*.

E' largo o uso qu fazemos do dativo do pron. pessoal pelo possessivo, sempre que não queremos insistir sobre a idéa de posse: *levou-me a bengala, feriu-me a cabeça, o vento arrebatou-lhe o chapéo*.

11.º A anteposição do artigo definido ao adj. possessivo (*o meu, o teu, o seu, o nosso, o vosso*) é phenomeno que se foi generalizando desde o sec. XIII. Como, porém, esta anteposição era um reforço de determinação, repelliu-se, por excusado, este uso ante nomes que por sua natureza já trazem em si certa determinação, taes os nomes de *parentesco, titulos e dignidades*. A estes, em geral, só no caso de querermos dar emphase é que anteporemos o artigo ao possessivo (*este é meu filho, o meu filho é este*), como já explicamos tractando do artigo definido.

O emprego do artigo antes do possessivo, embora mais largamente observado pelos escriptores modernos que pelos antigos, comtudo não é de rigor, salvos os casos emphaticos, e os em que o possessivo é substantivado ou pronominado, p. ex.: *os meus e os teus vão bem, o direito do meu e do teu, este é o meu e aquelle é o vosso* (cf. *este é meu e aquelle é vosso*), *dar o seu a seu dono*.

**Obs.** O artigo definido é absolutamente necessario ao possessivo grego — *o sos doulor* (*ὁ σός δοῦλος*) = *o teu escravo*. O francez não admite a anteposição do artigo ao adj. possessivo. Em portuguez não

só o definido, senão também o indefinido, o demonstrativo, e os quantitativos indefinidos : *um meu amigo, este nosso patricio, outros meus amigos.*

12.º Em G. Vicente (sec. XVI), encontramos frequentemente o possessivo, hoje archaico, — *enbo, enha, enbos, enbas*, equivalentes a *meu, minha, meus, minhas*:

Digo agora que casei  
Sem licença de meu pae  
E d'enha mãe : eu herdarei,  
Ou sabes como isto vae? (G. V., Obras. I. 126)

Entrará *enha* sobrinha  
E Constança das Ortigas. (Id., ib. 127)

Compadre, *enha* mulher  
He muito destemperada (Id., ib. 165)

13.º Em se tractando das partes do corpo ou qualidades de espirito ou, em geral, quando a idéa de posse é evidente, é de praxe supprimir-se o possessivo, excepto no caso de emphase, sendo tal supressão de mais amplo uso no lat., p. ex.:

Elle cortou o braço, quebrou a perna e perdeu o juizo — Bole o rabo o cão, não por ti, senão pelo pão — Manus lavare = lavar as mãos (as proprias), patrem amisit = elle perdeu o pae, matrem deligo = amo (minha) mãe.

## Numeraes

605. Prefere grande numero de conceituados grammaticos chamar aos adjectivos numeraes *nomes de numeros*, pois, de facto, o que chamamos adjectivos numeraes (*um, dois, trez, etc.*), são nomes substantivos de numeros, e, como, taes, os tracta a lingua fazendo-os preceder do artigo — *o um* (arch.), *o dois, o trez, o dez, o zero*. Porém, unidos a um substantivo, como frequentemente se acham na phrase, funcionam elles francamente como adjectivos (dois livros, dez dias), e, por isso, são usualmente denominados adjectivos numeraes.

606. CLASSIFICAÇÃO DOS NUMERAES. Oriundos do lat., desenvolveram-se em portuguez os numeraes — *cardinaes, ordinaes, fraccionarios e multiplicativos*.

## I. Cardinaes

607. EMPREGO DOS NUMERAES CARDINAES. Sobre o emprego dos cardinaes na evolução da lingua, observamos:

1.º Era usual nos velhos textos apparecer o artigo definido com os cardinaes, em condições hoje inadmissiveis. Exs.:

Todo o chão ficou coberto do nosso sangue em tanta quantidade, que dos onze que eramos, milagrosamente escapamos os nove com vida, por que os dous com mais um moço morrerão daly a tres dias. (Peregr. 1,342) — E se acharam dos oitenta soldados, os quinze mortos, e cinquenta e quatro feridos, dos quaes os nove ficaram despois aleijados (Ib. 35) — Nesta cidade nos deu o Chifuu licença para que dos nove que eramos, fossem os tres pedir esmolla (Ib. 356) — E como a elles chegasse o Portugues, e visse q falayam ambos a lingoa Italiana, o hum por ser sua natural, o outro pola ter adquerida... saudou os cortesmente na mesma language (H. P., Imag. 1. 305) — Per maneyra que da batalha morreram da gente dos Gigantes cento e tantos homens: de que os trinta eram cavaleyros (T. Red. 226) — Hontem foram os 20 de setembro... o successo de Alemtejo foi aos nove (A. V., C. 189, 191).

2.º Nos documentos do portuguez archaico eram indicadas as datas como se vê abaixo:

E isto foi feito no mes d'oitubro en era de Mil e cccª e VIIIº (1308) (Chrest. Arch. 18) — Dante en Santaren tres dias de março (Ib. 19) Era Mª CCCª Lª II, ânos (era de 1352 annos) (Ib. 19) — Don Afonso poborou (povoou) Santa Cruz de Coimbra en tempo que andava e era, en mil e cento e seteenta anos (Chrest. Arch. 2. 17) — E foron feitas en Coimbria IIIª<sup>or</sup> (quattuor) dias por andar de junho. Era MCCLII (Chrest. Arch. 17).

Obs. Sobre o modo de datar nos velhos documentos da lingua escreve Viterbo (Eluc. 79): "Em os secs. XIII, XIV, XV, era muito frequente contar os dias do mes até quinze *andados*, e dahi até o fim *por andar*, v. gr.: *Sete dias andados de Junho, aos 7 de Junho. Sete dias por andar de Junho, aos 23 de Junho. Quatro dias por andar de Junho, aos 26 de Junho, etc.*"

3.º Nas expressões compostas dos numeræes cardinaes segue o portuguez archaico a ordem analytica do portuguez actual — as centenas seguidas das dezenas e estas das unidades:

Josep, filho de Jacob, avia dez e seis anos e andava guardando o gaado de seu padre (Chrest. Arch., 84) ...andava a era em mil e cento e setenta annos (Ib. 117).

A's vezes, porém, invertiam a ordem:

Os anos de minha vison trinta e cento anos, pequenos e maos e, non chegaram aos dias de meus padres (Ib. 96).

*Cento* (  $\rightsquigarrow$  centum) proclitico (cento anos) apocopou-se em *cem* (annos), e actualmente só conserva sua fórmula completa: — a) quando não proclitico (*cento e cincoenta annos*), e b) quando substantivado (*um cento de laranjas*).

O mundo em menos de cento annos fazia fym (L. Cons., 306) — Com cent' açoutes no lombo e hua caronha por capella (G. V., Ohrs. 3, 87).

4.º As formulas ainda hoje usadas no estylo forense, para a enumeração de capitulos, datas, etc., eram na velha lingua largamente empregadas. Exs.:

E aos quarenta e seys capitulos estão estas palauras... Diz o propheta Ezechiel aos quarenta e hu capitulos de suas visões, que vio no templo pintados muitos cherubins (H. P., Imag. I. 47, 165) — Aos dois dias depois de se ire da cidade de Constantinopla, vieram ter a hu valle tres legoas dahi (Palm. I. 148).

5.º NUMEROS INDEFINIDOS. Desde a mais remota antiguidade os numeræes cardinaes *dez* e *mil* foram empregados figuradamente por um numero indefinido ou indeterminado. Já no anno mil antes de Christo, quando o jovem David fez baquear o orgulho dos philisteus, lançando por terra o gigante Goliath, as mulheres judias, dançando, cantavam:

Saul matou mil e David dez mil percussit Saul mille, et David decem millia) (Vulg. I Reis XVIII. 7. = ~~Cambiarão~~ cores mil do Sol opposto (de Verg., Eneid. IV. 702) = mille trahens varios adversa Sole colores) — Non mille carinis est opus n Teueros (Eneid., 9. 145) = não mil quilhas hei mister contra os teucro; (O. M.)

Por analogia, com as outras fórmulas, *mil* assume na linguagem familiar, a fórmula *milhenta* em accepção indefinida: *milhentas vezes*.

º O numero *sexcenti* (seiscentos) era entre os latinos frequentemente usado por um numero indeterminado: *Sexcenta licet ejus modi proferri* (Cic.) = pôde-se citar mil (seiscentos) casos desta qualidade. Não é inteiramente extranho ao portuguez o emprego de *seiscentos* com valor indefinido

(*com os seiscentos!*). Plauto nos revela que *quingenti* (*quinhentos*) e *tres* eram também entre os romanos usados nesse sentido: *quingentos cocos, te tribus verbis volo* (quero dizer-te trez palavras). Em portuguez além de *dez, cem, mil* (milhentas), *seiscentos*, empregamos, para numeros pequenos, *dois, meia duzia*: *direi duas palavras, darei dois dedos de prosa, contou meia duzia de historias*. Exs.:

Tan casados, tan chorosos,  
da morte mais desejosos  
*cem mil* vezes que da vida  
(Chrest. Arch. 256)

Se as matas estrujo  
Co'os sons do Boré,  
Mil arcos se encurvam  
Mil setas lá voam,  
Mil gritos reboam,  
Mil homens de pé  
Eis surgem, respondem  
Aos sons do Boré.  
(G. D., Poes. 2. 90)

6.º No v. port. era frequente a reunião pleonastica de *ambos* com *dous* em grupos como se seguem: *ambolos dous, ambos os dous, ambos de dous*, grupos imitados modernamente por A. Herculano, Camillo Castello Branco, A. Castilho e outros. Exs.:

Com traves pregadas ambas de duas (Castanhedas, ap. Serões, 363)

D'ambos de dous a fronte coroadá  
Ramos não conhecidos e hervas tinha (Lus. 4. 72)

As mais vezes *ambos* os *dois* residiam na pousada (A. C., ap. Serões 363) — *Ambos* os *dois* ganhavam na prorogação da lucta (A. H., Ib.) — *Ambos* os *dois* monges tão amigos caminhavam juntos (Id., ib.) — Acho que se emborracharam *ambos* de *dois* (C. C. B., ib.) — *Quebradas* tivesse eu as pernas *ambas* de *duas*, quando casci com este moicante (C. C. B., Corja, 43) — Progenie grega não são *ambos* os *dois*? (A. C., Os Fast., 2. 111).

Obs. A v. ling. supprimia frequentemente o artigo reclamado pela euphonia entre *ambos* e o substantivo: E tomando a maça com *ambas* mãos, se foi a elle... era tão pesado que o não pode fazer senão com *ambas* as mãos... tomando as mãos *ambas* Iras cortou (Palm. I. 167, 168, 188).



7.º Empregava o v. port. o numeral *conto* (*computum*) para designar “mil vezes mil coisas ou pessoas”, termo que só applicamos hoje para designar dez vezes cem mil réis”. Exs.:

Diremos que nesta discripção se acharam dentro em Portugal cinco contos e sessenta e oito mil pessoas, cabeças de famílias (Frei B. de Brito, Mons. Lusit. I. 553) — Concorre a ella tanta gente, que se affirma que passa de tres contos de pessoas (F. M. P., Per. CVIII, ap. C. de Figueiredo).

## II. Ordinaes

608. OS NUMERAES ORDINAES exprimem a ordem no tempo e no espaço. Na dialectação do portuguez soffreram elles alterações, já na morphologia, já na syntaxe, que convem estudar.

609. EMPREGO DOS NUMERAES ORDINAES. Sobre o emprego dos ordinaes em seu desenvolvimento historico, temos os seguintes factos:

1.º Rejeitou o portuguez, na linguagem commum, as fórmulas latinas *primum* (*primo*, *primeiro*) e *tercium* (*terço*, *terceiro*), substituindo-as no emprego destes dois ordinaes pelas fórmulas *primarium*  $\rightsquigarrow$  *primeiro*, *terciarium*  $\rightsquigarrow$  *terceiro*. A fórmula *primo* ficou relegada ao dialecto literario (*hora prima*, *materia prima*, *obra-prima*), e *terço* apparece em *terça-feira* (*feira terceira*), no estylo elevado (*hora terça*), e como substantivo nos numeros fraccionarios (um terço, dois terços). No port. archaico apparece a fórmula *tercer* proclitica:

Sobrevierão os homens mais sutis, e mais primos na Arte (A. V., ap. Bluteau) — Tod’ome que bestia over a meter cada tercer dia (For. de Castello Rodrigo) —

Aquí se lhe apresenta que subia

Tão alto que tocava a prima esphera (Lus. 4. 69)

2.º Empregaram nossos classicos quinhentistas fórmulas compostas ordinaes mais chegadas ao typo synthetico latino — *terciodecimo*, *quartodecimo*:

Tratou divinamente esta materia Augustinho no livro terciodecimo da cidade de Deus... No quarto decimo capitulo de Genesis... diz a escriptura que pediu el Rey daquella terra a Abraham a gente (H. P., Imag. l. 47).

Hoje prefere a lingua, por brevidade, em longas series, empregadas com o valor de ordinal o cardinal, que permanece invariavel nas fórmãs flexionadas: *pagina vinte dois, paragrapho treze, casa noventa e um, capitulo quatorze*. Na enumeração de reis e papas, empregamos o ordinal até dez, dahi por deante o cardinal: *Henrique terceiro, D. João quarto (Principe Dom João, o terceiro em Portugal deste nome — G. V.), Leão decimo, Luiz onze, Luiz quatorze*. Assim tambem — *seculo primeiro* ou *primeiro seculo*, até *seculo decimo*, e dahi, de preferencia, *sec. onze, sec. doze, sec. vinte*.

3.º O v. port. empregava habitualmente os *distributivos latinos* (*septeni, noveni*) como ordinaes. Sobre este ponto, temos um precioso documento mencionado pelo dr. J. L. de Vasconcellos, em suas Liç. de Philologia, que é a *Practica d'Arismetica*, Lisboa, 1540, cujo auctor, o quinhentista Ruiz Meendez, expõe a fl. I e IV os numeraes ordinaes de seu tempo, do seguinte modo: *primeiro, segundo, terceyro, quarto, quinto, seisto, septimo, oytavo, noveno, dezeno, onzeno, dozeno, trezeno, quatorzeno, quinzeno, desaseszeno, dezaseteno, dezoiteno*, no feminino: *novena, dezena, onzena, dozena, trezena, quatorzena, quinzena*.

As fórmãs ordinaes, oriundas do distributivo latino (*noveno, dezeno, etc.*) tornaram-se privativas do estylo elevado; na linguagem corrente as fórmãs femininas (*novena, dezena, quarentena, centena*), passaram a ser substantivos collectivos determinados, se bem que frequentemente alguns delles sejam empregados como collectivos indeterminados, p. ex.: *dezenas e dezenas pereceram, centenas de passaros voaram, fazer o navio quarentena* (cf. *milhares de homens*).

Tu viste de teu sobrinho sair um lago e dele sairen nove rios, e os oito eran todos eguaes, o *noveno* (nono)... era tan fermoso e tan grande como todos os outros (Chrest. Arch. 61).

Porém depois que a escura noite eterna  
Affonso aposentou no Céu sereno,  
O Príncipe, que o reino então governa,  
Foi Joanne segundo e Rei *trezeno*. (Lus. 4. 60)

Do principio antes, hospede, as insidias  
Graias, dice, nos conta, e o patrio excidio  
E errores teus; que já *seteno* estio  
De praia em praia todo o mar voltêas

(O. M., Verg. Bras. 243)

4.º A ling. arch. possuia o numeral distributivo *senhos* do lat. *singulos*, com o sentido de *cada um, outros tantos, cada um seu*, vocabulo que subsistiu até o sec. XVI.

O qual (cântigo) seja departido in *senhas* glorias (In: de Albcob. 1.º 273, ap. Cortesão) — Levaram aqueles entrepetadores pera huas casas apartadas... e deran *senhas* celas (Ib. 3.ª 162) — Foram ambos bem aprisionados com *senhas* grossas adovas e cadeia pelas pernas (F. Lopes, C. de D. Fern. 85).

Andamos todos cansados,  
O gado seguro está:  
E nós aqui abrigados  
Dormamos *senhos* bocados  
Que a meia noite vem já (G. V., l. 115)

Aparico, mat'esses cães.  
Ou vae dá-lhe *senhos* pães (Id. 3. 14)

5.º E' frequente entre antigos classicos apparecerem os numeræes ordinaes substantivados regidos da preposição — *a hora de nãa* (hora nona), *a hora de terça* (hora terça ou terceira). Exs.:

Assim esteve até que foi ora de nãa (Chrest. Arch. 57) — A hora já de noa que a calma mostrava alguma força, dado que temperada... foy dar de improviso Florismarte (Tav. Redonda 89) — O perro pagará a noveado o que deve (F. M. Pinto, Per. I 225) — Eram isto horas de sexta, e ho dia mostrava-se mais claro e aprazível que os passados (T. Red. 96).

### III. Fraccionarios

610. As fracções eram indicadas em lat. pelos cardinaes como numerador e pelos ordinaes como denominador, concordando ambos com o substantivo *pars*, expresso ou

elliptico, p. ex.: 1|3 = *tertia pars*, 3|5 = *tres quintæ* (sc. partes) = *trez quintas partes*, 7|9 = *septem nonæ* (sc. partes) = *sete nonas partes*, 8|9 = *octo nonæ partes*. Para 1|2 (um meio) tinham a expressão — *demidia pars* = *meia parte*.

O portuguez modificou este processo, adoptando para denominador o ordinal substantivado até o numero 10 (1|2 um meio, 1|3 um terço, 3|5 trez quintos, 7|9 sete nonos, 4|10 quatro decimos. De 10 para cima, por brevidade, destacou *avos* de *oitavo*, que se suppoz composto de *oit'avos*; tornando-se este suffixo (*avos*), um substantivo ficticio: 1|11 *um onze avos*, 3|14 *trez quatorze avos*, 4|32 *quatro trinta e dois avos*. Já na Pract. d'Arismet. de *Ruy Meendez* (1540) se encontra *avo* e *avos*: *dezaseis avo*, *trinta dous avo* = *dezeseis avos*, *trinta e dous avos*. (Dr. J. L. Vasconcellos, Lic. de Phil. 311).

Todavia nas dezenas desacompanhadas de unidade, e nas centenas desacompanhadas de dezenas e unidades usa-se tambem o ordinal substantivado: 1|20 *avos* ou um vigesimo, 1|30 *avos* ou um trigesimo, 1|100 *avos* ou um centesimo.

#### IV. Multiplicativos

611. Os multiplicativos lat. em *plex*, *simplex*, *duplex*, *triplex* (arch. *simpres*), *duplice*, *triplice*, *septemplice* e *multiplice*, e dos proporcionaes em *-plus* (*duplus*, *triplus*, *quadruplus*), passaram — *duplo*, *triplo*, *quadruplo*, *quintuplo*, *sextuplo*, *septuplo*, *octuplo*, *nonuplo*, *decuplo*, *undecuplo*, *duodecuplo*, *centuplo* e *multiplo*. Com excepção de *simples* (pop. e arch. *simpres*), os outros, em geral, só se usam no dialecto literario.

#### Adjectivos e pronomes indefinidos

612. ADJECTIVOS INDEFINIDOS são os que modificam na phrase os subst. junctando-lhes uma determinação attenuada de quantidade indefinida: por isso são chamados *quantitativos indefinidos* ou *indeterminados*, por opposição aos *numeraes*, que são *quantitativos determinados*.